

# Laços & Botas

MOA SIPRIANO



MOASIPRIANO.COM

---

# LAÇOS & BOTAS

Moa Sipriano



[www.moasipriano.com](http://www.moasipriano.com)

---

---

Design da Capa & Editoração

**Moa Sipriano**

Imagem da Capa & Tipografia

**pixabay.com**

**dafont.com**

Todos os direitos reservados a

**Moa Sipriano**

Site oficial & Contato

**moasipriano.com**

**escritor@moasipriano.com**

---

## Água

Ah, o inverno!

Encaro, mais uma vez, minha Lovland a agasalhar ares de um irritante anil macilento. É quando as cores abandonam minha ilha adorada, correndo atrás do calor europeu, deixando minhas montanhas mais tristes, minhas areias quase desbotadas e meu mar bem mais tristonho, onde meus verdes espumantes transformam-se em cinza lúgubre.

Mesmo sem cor e calor, Lovland permanece linda, única, paradisíaca. Talvez um pouco abatida sem a companhia constante do amigo Sol, sendo fustigada pelo incansável Vento Sul, dia após dia, durante dois meses inteiros.

No inverno, os nativos da ilha se comportam como ursos hibernantes, escondidos no centro agasalhador de suas casas de madeira, tentando aquecer os avermelhados corpos gorduchos debaixo de nove cobertas sintéticas ou através do consumo excessivo de uma boa cerveja escura de garantida procedência.

Na era fria, o trabalho é escasso. Vivemos basicamente do turismo na alta temporada, quando a principal fonte de renda vem da horda de surfistas platinados que invadem a ilha no verão, em busca das nossas ondas perfeitas durante o dia e do anonimato das trepadas inesquecíveis durante a noite na imensidão de praias desertas que proporcionam instantes memoráveis de sexo livre ao ar besuntado de erva e pó.

Durante a balada lunar é fácil escolher algumas garotas, a maioria importadas, sempre disponíveis, ávidas por dinheiro rápido ou juras de casamentos ou loucas para perder todo tipo de virgindade; ou rapazes alegres pra lá de oferecidos, que até patrocinam um pinto um pouco mais avantajado ou uma boa carne arredondada, ainda não tão manjada.

No final das contas, todos nós somos verdadeiros caçadores vampíricos de prazeres fúteis.

Minha moradia – uma cabana – fica localizada no finalzinho da praia de Gobsun, a mais bela de toda ilha. Moro a doze passos da areia. Mais trinta e seis, se eu quiser molhar meus pés nas ondas frias. Se você caminhar no sentido oposto, vinte e nove passos separam meu humilde casebre de uma mata exuberante. Floresta e mar permeiam meu paraíso. O que mais posso desejar?

Não cultivo emprego fixo. Vivo de pequenos afazeres garimpados por toda ilha. Lixar e pintar barcos, limpar peixes, aparar a grama das casas dos veranistas, servir de guia a turistas idosos que procuram as praias mais distantes do agito, para enfim relaxar seus corpos cansados sem o incômodo dos jovens arruaceiros endinheirados.

Quando chega meu inverno interior, curto minha solidão voluntária na companhia de bons livros e boa música, onde me encaixo facilmente nos enredos e tons, deixando minha alma velejar nos devaneios da arte alheia.

\* \* \*

Meu avô me dizia que todas as coisas boas ocorrem numa quarta-feira. Sendo assim, segundo ele, quando você deseja que algo proporcione bom resultado na sua vida, tome a iniciativa bem no meio da semana, pouco depois das dez da manhã. Sempre (algo) dá certo!

Apesar de o vento açoitar sem piedade meu corpo empacotado, arrisquei uma ligeira caminhada pela praia naquela tarde de tédio de uma quarta-feira sem novidades. Afinal, nunca se sabe quando pode surgir uma aventurezinha erótica descompromissada. Aliás, adoro rápidas brincadeiras anônimas, sem qualquer lampejo de envolvimento emocional. Apenas carne roçando carne. É o que vale no final das minhas contas.

Mesmo um tanto indisposto para o sexo completo (na verdade, eu sonhava com um boquete), mantive meu ritual de meditação invernal.

Sinto um prazer indescritível ao afundar meu traseiro na areia fria, fechar os olhos mornos e deixar os rugidos fumegantes das ondas e do vento invadirem meus sentidos. É algo mágico!

Tudo corria muito bem durante meu momento nirvânico, quando um som dissonante embaralhou minha razão, fazendo-me despertar a contragosto e assim direcionar meu olhar inquisitivo ao objeto fora de enquadramentos.

Tomei um baita susto ao presenciar a poucos metros de distância um homenzarrão montado num cavalo malhado, muito bonito.

Um *cowboy* três metros devidamente paramentado com chapéu, laços e botas cruzava meu território, onde um sorriso de dentes artificiais muito brancos iluminava a passagem no meio da névoavalon.

Não havia cavalos em Lovland. Segundo uma lenda ridícula perpetrada pelos nativos mais antigos, os equinos que foram trazidos pelos descobridores da ilha, em 1938, ficaram arredios de uma hora para outra, enlouquecendo em questão de dias, galopando em disparada para longe de seus donos, sendo tragados pelo poder das águas, quando a maré encontrava-se alta, afogando-os, inertes, durante suas buscas desesperadas pelo abraço da Morte.

Eu ouvi essa história um trilhão de vezes durante toda minha infância. Nem cavaleiros de madeira ou plástico as crianças podiam ter para brincar, tamanha era a força de uma ignorância suprema.

Ao estacionar o possante bem ao meu lado, pude notar que o forasteiro não era de se jogar fora. Um cinquentão de pele arroxeadada pelo frio cortante. Olhos champanhe, de um inquietante olhar profundo, diabólico, inquisidor.

Um bigodinho marcante, traços de barba feita recentemente, lenço vermelho no pescoço, camisa branca incorretamente aberta na altura do peito, onde uma quantidade absurda de pelos negros despontava para o meu suspirar indiscreto.

A jaqueta jeans torneava ombros largos, fortes, rígidos. A calça – um brim surrado – agarrava com firmeza a parte baixa do corpo, onde pernas agressivas, salientes em magia, disputavam minha atenção contra um volume inchado, protuberante, tentador, que bailava no meio das coxas viripotentes.

Traído pelo olhar guloso, meu cowboy não perdeu tempo com enrolações curriculares, passando a acariciar com a mão esquerda a máxima potência oculta por trás dos panos justos.

Ele perguntou minha idade. Dezoito, respondi secamente, tentando usar o timbre mais grave que eu era capaz de reproduzir.

“Cara de quinze e voz de pivete”, ele afirmou, onde mais uma vez um sorriso artificial estampava sua zombaria diante da minha pura verdade.

Pondo-me em pé, louco para esfregar na fuça alheia as minhas identidades, fingi ignorar o comentário sobre minha cara de criança e minha voz fanhosa, e passei a acariciar com respeito a crina macia e bem tratada daquele animal magnífico.

“Ele gostou de você”, disse o cowboy.

“Ele gosta de carne fresca. Ele reconhece as almas virgens”, continuou, consumindo-me com olhos pecantes, enquanto sua mão esquerda bolinava

com vigor o volume granito, onde um saco abissal parecia rasgar o fundilho da calça, de tão inchado em desejos não satisfeitos.

“Tá certo, meu velho, qual é o lance? Tá afim do quê?”, intimei o intruso, impondo minha besta virilidade juvenil.

Cowboy desceu do seu universo superior, deu dois tapinhas no traseiro do cavalo, que calmamente deixou-nos sozinhos, trotando com indistinta beleza sobre a areia fina, pondo-me boquiaberto diante de tamanha docilidade e submissão perante o seu dono.

Perguntei bestamente ao macho se o cavalo não ia “fugir correndo” em direção ao mar. Nem terminei a frase idiota e tontamente construída – influenciada pela tal lenda loveana –, quando o forasteiro riu alto, afirmando que seu parceiro fora muito bem domado pelo seu amo e senhor.

“Amo e Senhor, que bobagem. Quanta ‘pré-potência’!”, pensei, cabisbaixo, disfarçando o riso tosco perante mais um trocadilho ridículo, sem tirar a visão periférica do vasto montante daquele autointitulado domador.

“Você gosta?”, ele disse, agarrando meu corpo franzino, encostando-me junto ao seu sexo que pulsava, impaciente, dentro do jeans estufado.

“Gosto, claro que gosto”, eu confirmei o óbvio, enquanto minha mão fina esquadrihava a primeira textura daquele membro em brasas.

Uma forte mão de dedos sorrateiros cobertos de pelos negros pressionava meu traseiro intumescido, onde um cu guloso piscava sem cessar.

Estávamos sozinhos nos seios daquela imensidão de areia, céu e água. Sem mais palavras, ganhei um beijo agressivo, onde uma língua insignificante, porém severa, fez maravilhas dentro da minha boca gulosa, steventylerana.

“Então garoto... está disposto a fazer tudo o que eu mandar?”, ele perguntou, ora lambendo o contorno da minha orelha direita, ora desfilando sua língua impaciente na extensão ilimitada do meu pescoço tatuado, poroso, arrepiado.

Aquela voz grave e autoritária não me deixava outra escolha:

“Sim” foi a resposta imediata, categórica, óbvia.

Um assovio curto trouxe de volta a estonteante carruagem do meu rei encantado. Como num passe de mágica disneylêscas, meu corpo foi arremessado para cima do robusto animal.

Agarrei meu sonho na cintura, feito Princesa Tontícia. Logo a seguir,

nosso Pegasus deslizou sobre as areias molhadas, onde as ondas, submissas, abriam passagem para o casal fodal à procura do Recanto dos Prazeres Impossíveis.

Galopamos por tempo indeterminado. Meu corpo metamorfoseado em ninfa permaneceu colado na rigidez do meu Valente e minhas mãos bolinavam com confiança a barra de aço que em minutos decapitaria todas as amarras da minha gruta ninfeta.

Paramos debaixo de uma árvore frondosa. O vento havia diminuído sua intensidade, mas o frio talhante permanecia inalterável. Nossas peles claras, mesmo afogueadas de tesão, denunciavam as marcas de um inverno implacável.

O cavalo foi amarrado a um dos galhos da respeitosa árvore, ignorando a presença dos homens ao seu lado. Cowboy voltou a me agarrar, cobrindo cada centímetro do meu rosto frio com seus beijos molhados, suaves, impiedosos.

“Você fará tudo, absolutamente tudo o que eu mandar, certo?”, ele intimou, segurando com virulência meus braços gelatinhosos, mas sem demonstrar crueldade. Apenas espasmos de luxúria bramiam do seu olhar faminto.

Respondi que sim, que eu faria tudo o que ele mandasse, sem pestanejar, desde que...

Não terminei a frase. Cowboy largou-me, de supetão, indo encostar-se ao tronco rugoso da árvore soberana, permanecendo bem perto do seu fiel amigo, que se deliciava com gramíneas esparsas encontradas sobre a areia.

“Tire a roupa!”, ele ordenou.

Por alguns segundos, fiquei estático, sem reação, avaliando o desafio que eu havia aceitado. Inspirei o ar nevado, decidido a fazer tudo que meu Amo e Senhor ordenasse. Chutei a realidade para longe e resolvi seguir as regras do Carteador.

Minhas roupas foram deixadas num canto. Meus ossos tiritavam por causa do assombro glacial e meus dentes rangiam involuntários, em protesto ao calor perdido.

Meu olhar incrédulo encarava um par de olhos dourados a sugar minha energia vital, consumindo meu espírito atribulado.

“Vá, entre na água e volte somente quando eu mandar!”, ele comandou, quase gritando.

Nervoso, confuso e submisso, eu caminhei contra o bom senso, deixan-



do meu corpo padecer diante da temperatura congelante da salmoura. Respirei fundo e segui mais à frente, ofegante, mergulhando minha alma de uma só vez no grande lago purificador.

Era chegada a hora do meu derradeiro batismo.

\* \* \*

Um longo assovio estridente foi o sinal emitido para que eu abandonasse a marinada. De volta ao princípio de tudo, meu corpo foi arpoado por Cowboy.

Um laço apertado prendeu meus punhos e minha noção de realidade. Pele branca amarrada num tecido vermelho que outrora era um simples lenço envolto num pescoço rústico, meus medos estáticos grunhiam no tronco rugoso da grande árvore, onde meu corpo tremia de frio e apreensão. Minha boca fora amordaçada com mais um lenço, este amarelo, materializado sei lá eu de onde!

Tirado de um dos bolsos da jaqueta, um pequeno frasco cintilava seu conteúdo âmbar diante dos meus olhos apalermados. Cowboy abriu o recipiente cristalino, despejando uma generosa quantia de um óleo aromático em uma das mãos. Ganhei uma massagem vigorosa. Meu corpo assimilou rapidamente as benesses daquela pasta canforada, que inflamou com eficácia meu espírito distante.

Dois dedos curtos, lambuzados, perscrutaram todos os orifícios do meu corpo. Eu delirava. De prazer, de ansiedade, de medo, de desejo, de nojo, de êxtase.

Queria gritar, mas era impossível. Gemer era a única alternativa. Dez dedos experientes e duzentas mãos alucinadas besuntavam todos os vãos da minha carne moída.

Em dobraduras impossíveis do meu corpo oleoso, senti minhas costas sendo mordidas. Minhas nádegas foram surradas numa sequência incalculável de tapas bestiais, deliciosos, excitantes. Eu urrava por dentro. Um ódio crescente tomava conta dos meus baixos instintos.

“Mete a porra da vara no meu cu!”, eu sonhava e desejava ser currado pelos dois exemplares de machos à minha disposição.

Meus punhos ardiam. O laço apertado turvava minhas articulações. Socos eróticos, mordidas erógenas e o desejo ensandecido de ser enrabado o mais rápido possível.

## Terra

Permanecemos no bate-lambuza-morde por horas. Exausto, o que restava do meu corpo foi deixado aos cuidados do vento desalmado, que liquidou meu pânico inicial.

Laço afrouxado por causa dos embates selvagens da minha libido, eu pude enfim cair de joelhos sobre a areia cortante, prostrado diante do meu deus erótico a bailar seu ostensório em prol do meu desespero.

Cowboy se masturbava com vagar, encarando meu olhar maravilhado com sua destreza manual, movimentando numa coreografia espetacular aquela tora empinada para cima e para o lado.

Minha boca salivava de desejo em sugar aquele mastro imperioso bolinado a poucos centímetros das minhas narinas hipnotizadas que, alucinadas e paranoicas, sentiam toda a essência daquele ogro que vertia sensualidade, terror e poder.

As amarras foram desfeitas, liberando meus punhos inchados. Continuei amordaçado, aguardando a nova ordem do Dominador.

“Dou-lhe a última chance de uma escolha”, ele vociferou, entre beijos estúpidos e sussurros inomináveis.

“Vamos continuar na minha casa ou na sua?”, ele me questionou, segurando com força a raiz do meu eletrificado cabelo flavo.

Apreendi que baixar a cabeça, encostando o queixo no peito queria dizer “sim”. E fechar os olhos por alguns segundos indicava um “não”.

Apreendi também que encostar um dedo na ponta do nariz – naquele caso – indicava que iríamos para minha casa. Se eu piscasse duas vezes, iríamos para a casa dele.

Naquele intuitivo jogo alienado eu era proibido de falar qualquer coisa. Toquei a ponta do meu nariz congelado. A Feiticeira interior selava meu desejo oculto, enfim revelado a mim-eu-mesmo!

\* \* \*

Chegamos à minha casa debaixo de uma garoa fina, morna além da razão da Física, contrastando com o frio enlouquecedor.

O possante foi deixado atrás da cabana, preso a uma barra de ferro que sustentava meu varal improvisado.

Cowboy vasculhou a cozinha à procura de algo para servir de vasilha d'água para o seu animal. Encontrou embaixo da pia uma bacia de alumínio que eu julgava ter descartado há séculos. Lavou-a demoradamente, encheu-a de água limpa e serviu seu meninão, cochichando mantras estranhos no seu esquerdo ouvido atento.

Permaneci o tempo todo em silêncio, as roupas mal ajambradas no corpo e o lenço vermelho novamente tapando minha boca ofegante.

Cowboy tirou a jaqueta e a camisa branca de mangas compridas. Uma couraça de pelos negros adornada por esparsos fios grisalhos dominava seu tórax avantajado.

Umedecidos por causa da garoa e do suor insensível que emanava dos nossos poros excitados, buscamos um abraço longo, dissonante, muito apertado.

O lenço abandonou minha boca e foi parar nos meus olhos. O chapéu de Cowboy foi posto na minha cabeça, como que seguindo o ritual bizarro de uma coroação momentânea. Ele continuava a pronunciar seus mantras malucos, indecifráveis, agora para mim, para Deus ou para um diabo que não ia me carregar.

Meus punhos foram amarrados e um laço ministrado magistralmente envolveu meu pescoço emborrachado e minha boca seca. De quatro, como uma vaca cega e atolada, permaneci paralisado à espera do próximo ato de submissão.

Da cozinha fui arrastado para o lado de fora da minha moradia. Por intuição, eu sabia que estava quase com o rosto colado no ancestral tanque de lavar roupas. Sem poder enxergar, somente tentando imaginar o que poderia acontecer, de repente senti o cheiro de bosta de cavalo recém-vindo do alto, à minha esquerda.

Meu corpo requebrava todo, abismado. Senti inigualável pânico tomando conta de mim-eu-mesmo. Cowboy estapeou meu traseiro com sua mão imunda, fazendo com que eu empinasse meu rabo oferecido. O troglodita montou sobre meu corpo, suas coxas fortes pressionavam meus quadris e o peso da sua dominação induzia-me a macaquear feito um touro em rodeios.

“Pula, filho da puta, vai, pula, esperneia, tenta fugir do meu laço,

caralho!” Cowboy vociferava, aos berros contidos, entre dentes, puxando com força para si o tecido que prendia meu pescoço calcificado e minha boca que vertia uma saliva acre.

Como numa dança tribal, como numa luta de rua, como um novilho ensandecido buscando de todas as maneiras um jeito de fugir do laço fatal, nós roçamos e rolamos nossos corpos no chão repleto de areia e terra.

Da área de serviço galopando para a cozinha, entre agressões moderadas e mordidas doloridas em minhas costas, queixo e nádegas, lambuzados na areia, na terra e no esterco, onde a alquimia formada com esses elementos, mais o suor, mais a chuva impregnada, mais a saliva que inundava nossos beijos incompletos, inebriava nossos espíritos irracionais, fazendo com que enlouquecêssemos de desejo de findar o ato primitivo com uma grande e profunda e impraticável trepada dos abutres de Dante.

## Fogo

A respiração levou certo tempo para voltar ao normal. Deitados com as costas nuas sobre o chão imundo, admirávamos um lençol cinzento daquele carregado céu emoldurado pela janela de proporções irregulares.

As amarras foram afrouxadas, mas não retiradas do meu corpo exausto. O lenço vermelho, ensopado de suor e lágrimas, repousava tristonho no meio do meu peito acuado.

Direcionando o olhar para o meu objeto de paixão, pude ver a montanha de músculos e pelos avolumar-se diante das minhas mãos que buscavam repouso na textura macia daquela pele branca, sedosa, incandescente.

Minhas carícias foram contidas por um sinal negativo de cabeça, proibindo meu insípido momento romântico. Cowboy levantou-se, pisando no meu peito nu, impedindo qualquer menção de reações melancólicas de minha parte.

Por puro instinto, passei a acariciar com os cantos do rosto o couro áspero, porém cheiroso, daquela bota rústica. O grande pé aliviou a pressão sobre meus ossos frágeis. O laço foi desfeito.

Sentado, repousando minhas costas na parede de madeira, sobre meus joelhos dobrados aquele pé autoritário foi depositado. Lambi todos os contornos daquela bota em bostas, enquanto inquisidores olhos libidinosos aprovavam minha correta iniciativa.

Meus cabelos eram seguros com toda a força de uma severa mão calosa. Minha cabeça era direcionada de acordo com o prazer sentido por Cowboy, ao ver minha língua desfilar através das partes limpas do couro deteriorado.

Cuspi, lambi, beijei. Chupei o bico daquela bota cagada imaginando ser a segunda cabeçorra do meu Mestre a gladiar dentro da minha garganta sem fundos.

\* \* \*

Mesmo sabendo de antemão a resposta, Cowboy me perguntou se a porta à direita, após a cozinha, era a entrada do banheiro. Baixei a cabeça, quase encostando meu queixo quadrado no meu peito sem cor.

Ele sorriu, percebendo que eu havia aprendido as regras do jogo direitinho. Fui amordaçado mais uma vez e tive braços e pés amarrados, submisso

em posição fetal, jogado no chão frio do corredor de madeira. Cowboy tirou a calça. Só daí eu percebi que não havia nada por baixo. Maravilhado, contemplei o corpo mais do que perfeito do meu Dono, onde uma pele branca quase translúcida disputava espaço entre a abundância de pelos petróleos que cobriam peito, pernas, saco e um rabo redondo, firme, magnífico.

O mastro empinado, de proporções generosas, pimpava da esquerda para a direita, enquanto Cowboy abria o chuveiro, deixando o vapor fumegante inundar todos os recintos.

Deitado, esquecido e impotente na entrada do meu cubículo de higiene pessoal, eu assistia meu caralhudo lambuzando o corpo com meu sabonete glicerinado. A espuma branca se misturava com harmonia à pele angelical, entre os pelos luciferinos.

Uma punheta foi iniciada e pude contemplar, em ascendente desespero, aquele membro ganhando novas formas, texturas e um volume que enlouqueceriam qualquer ser que apreciasse um estupendo exemplar de pica do cacete!

Aquela viga sustentada por veias prateadas, ensaboada no vácuo, inebriava meu ser natimorto. O sangue vertia dos ferimentos que causei em mim-eu-mesmo, ora mordendo a própria língua, tamanha era a minha insanidade diante das vontades de sentir aquela carabina na minha bocarra; ora de tanto me debater para desvencilhar-me das amarras de um laço muito bem feito.

Indiferente ao meu sofrimento, Cowboy se banhava, se masturbava, se tocava, gemia, grunhia, gritava e me fustigava com seu olhar incolor, perfurante, demoníaco.

Com o corpo banhado e limpo, movimentos rígidos e intensos no sexo ardente depositaram uma dose cavalariça de uma geleia espessa na mão esquerda de Cowboy.

Gemi, tentei gritar, implorei em pensamento para que meu Amo lambuzasse minha cara safada com sua gosma divina.

Bastou um olhar de súplica. Quebrei uma das regras. Mesmo assim, minhas preces foram atendidas.

Meu rosto teve a honra de sentir aquele elixir ainda fervente. O cheiro amarelado perfurou minhas narinas delicadas. Minha língua e meus dentes tentavam destruir o pedaço de pano que me impedia de sentir por completo o gosto do meu Senhor.

Gosto que deveria bailar no interior da minha boca e rolar pela garganta a fim de aquecer as súplicas da minha alma devassa.

Fui arrastado para o centro do banheiro. Laços foram desfeitos. O lenço empapado foi descartado. Minutos de cínica liberdade foram conquistados pelo meu bom comportamento.

A porta fora trancada por fora. Como? Eu não posso explicar.

Cowboy aprontava alguma coisa na cozinha.

Tentei recuperar minhas energias deixando água e espuma limparem meus restos esquálidos. Purifiquei meu espírito debaixo do líquido clarividente.

O pior do melhor estava por vir.

\* \* \*

A porta foi aberta com delicadeza inconcebível e me dei conta que já era começo de noite, pois a casa estava quase um breu. Nenhuma lâmpada acesa. O silêncio só era danificado pela sinfonia interpretada por tímidos e corajosos insetos cantores do lado de fora.

Agarrado e arrastado ainda petrificado para o meio do corredor, meus olhos foram encobertos por tiras do que antes fora um ancestral pano de enxugar pratos.

“Fique quieto aqui e não esboce qualquer gracinha”, disse Cowboy, lambendo o orifício do meu ouvido direito, arrepiando até minha encarnação passada.

Permaneci feito estátua de pedra-sabão por minutos que pareceram eternos. Um cheiro de algo sendo queimado paralisou meu cérebro, embotando de vez a totalidade dos meus sentidos.

Pressenti uma luz castanha emanando da minha sala outrora negrume. Imaginei cortinas sendo aniquiladas pelas chamas; meu único sofá sendo consumido pelo fogo. Roger, Roger, meu querido jacaré de pelúcia, cadê você? Estaria queimando, indefeso e tristonho, bem no meio da mesinha de centro?

“Venha”, disse Cowboy, confortando meus instintos.

“Sente-se”, ele ordenou, posicionando meu corpo junto ao meu sofá ainda intacto. Senti meus pés sendo envolvidos por um par de botas, que mesmo revelando-se um tanto apertadas, adornaram com perfeição meus dedões delicados e meus gambitos protegidos por pelos aloirados.

A venda foi tirada dos meus olhos. Deslumbrado, vi toda a sala iluminada e aquecida por uma quantidade razoável de velas. Tentei desvendar de onde elas haviam surgido, mas desisti de forçar minha mente tormentosa.

Óculos escuros surgiram em mais um passe de mágica diante dos meus olhos estupefatos. O cobre espelhado foi emoldurado no meu rosto por um Cowboy carinhoso, ritualístico, misterioso. Fui abençoado por uma infindável quantidade de mantras e palavras que não possuíam nenhum sentido prático para mim-eu-mesmo.

Complementando minha indumentária, ganhei novamente o direito de usar o chapéu de Cowboy, juntamente com a corda de tiras de pano que havia me torturado lá atrás e que agora jazia, encharcada, no âmago da minha mão esquerda.

Um beijo amistoso incendiou minha porção Dominatrix. Cowboy estava nu, como eu. Seguindo instintos, detonando conceitos, empurrei seu corpo sobre o apertado sofá, amarrando porcamemente seus braços por detrás das costas.

Montês, com um pulo certo acabei jogando meus ossos afoitos sobre aquela plataforma de carne de primeira, pisoteando as largas costas com meu par de botas rústicas; pressionando aquela cabeça escovinha para o mais profundo vão do gasto sofá claustrofóbico, sufocando-lhe os sentidos.

Com um preparado pedaço de madeira que outrora fora o cabo do meu rodo, eu demarquei com o lado partido em lascas aqueles músculos brancos com uma incontável sucessão de golpes nas costas pedantes, lisas, suadas, penetrando em seguida com a ponta de madeira roliça da outra extremidade os arredores de um rabo apetitoso, abrindo espaço naquele emaranhado de pelos secos, quebradiços, chamuscados.

Senti a vibração que a dor alheia – no sexo – proporciona. Senti o êxtase que o sofrimento consentido – no sexo – proporciona. Senti o tesão que o poder sobre o Outro – no sexo – proporciona.

Dor e Prazer, Submissão e Poder andam de braços entrelaçados, brincando de roda-roda-gira-gira-fode-fode.

Madeira, boca, tapas, laços e botas marcaram meu vasto território do prazer, naquele playground recém-empossado. Cowboy era meu e seria do meu uso exclusivo enquanto eu desejasse.

\* \* \*



Ledo engano.

Numa reviravolta de movimentos estapafúrdios, num instante era eu novamente o escravo do roteiro. Em segundos fui espatifado no chão, sobre o tapete puído. O laço mágico travou minhas mãos e meus pés, tornando-me uma espécie de gangorra humana.

As lágrimas das velas foram derramadas sobre mim, em locais nada estratégicos. Eu mordida o tapete para tentar abafar meus gritos de ódio, espanto e regozijo.

Meu corpo queimava por fora e por dentro. Minha boca foi obrigada a desistir do gosto insosso do tapete secular. Ela ganhou a chance de permanecer muito bem ocupada, engolindo um caralho cuspidor de uma porra rala, que lubrificava meus lábios inchados de tesão e dor.

Litros de parafina solidificaram sobre minha pele. O ardor deu lugar ao relaxamento dos músculos ainda eufóricos, dos medos infundados, da inexperiência ignorante sobre uma fantasia que muitos sonham realizar, mas que poucos têm a chance real de encará-la como se deve.

Mestre, Amo, Senhor, perfura minha garganta com tua espada flamejante. Fura-me, trespassa-me com tua haste de ouro branco!

Empala-me, meu Amo. Meu macho-senhor Santo e Eterno, penetra-me e faça-me urrar de prazer ao sentir seu cajado dilacerando meu rabo atentado, repleto de variados pecados que não existem.

Meu rosto afogueado era seguro com ódio entre as mãos suadas de Cowboy. O chapéu jazia ao meu lado, pois não aguentou o baque violento da minha boca degustando um cajado glorioso.

Tapas e beijos. Laços e botas. Bocas disformes sugando cacetes pétreos. Lábios enormes mordiscando costas e ombros parafinados.

Meus pés foram soltos e minhas pernas foram abertas:

“Ele vai me comer, finalmente!”, imaginei, radiante por dentro.

Uma língua ferina perfurou meu cu molhado, disputado a tapas por dois dedos pontiagudos que tentavam alancear o caminho.

Língua, dedos, tapas e beijos. Cuspidas e lambidas alucinavam meu orifício ensandecido.

Cowboy vendou meus olhos. Tapou minha boca. Laçou meus braços e pernas. Virou meu corpo. Agarrou meu sexo. Engoliu minha bengala. Pressionou minhas bolas. Chupou. Sugou. Lambeu. Cuspiu.

Gozei, abundante, dentro da sua boca ardente. Cowboy não desperdiçou nenhuma gota do meu suor, da minha porra, da minha libertação.

Havia triunfo refletido em dois olhares arfantes.

## Ar

Era exatamente uma hora da manhã quando acordei. O cheiro de um café forte despertou-me do meu sono tumultuado. Fui brindado com uma caneca santa do líquido escuro, fumegante, reconfortante.

Engoli em bicadinhas todo o conteúdo da minha ágata preferida. Cowboy estava enrolado numa das minhas toalhas gastas e cheirava a banho recém-tomado. Não trocamos nenhuma palavra.

A sala estava limpa, arrumada, sem um único vestígio das loucas horas anteriores. Laços e botas haviam evaporado. Cheguei a ter dúvidas se o cavalo do estrangeiro ainda se encontrava materializado atrás da minha casa.

Abandonei o sofá onde eu havia desabado. Ou será que meu corpo tinha sido depositado sobre ele, através dos braços rochosos do meu Senhor?

Fui ao banheiro, que também recendia à limpeza. Tomei um banho rápido, temendo que quando saísse, eu não mais encontraria meu Amo a me esperar. Um sonho desfeito. Um dia um adeus. E nada mais?

Ao deixar o banheiro, com o corpo sem ter sido enxugado, o silêncio mortiço se fez presente. A sala estava vazia. A cozinha também. Saí pelado, tonteado, e meu coração aliviou sua tensão ao vislumbrar o cavalo ainda preso à barra de ferro, indiferente à minha presença.

Voltei pelo corredor e fui para o meu quarto. Deitado na minha cama estreita, Cowboy brincava com seu mastro, convidando-me com um olhar terno e sacana ao mesmo tempo.

Impossibilitado de manter dois corpos ocupando o mesmo lugar no espaço, depusitei o que restava de mim sobre a esteira cabeluda do meu homem endemoniado.

Temeroso, busquei um beijo tímido e fui atendido com brutalidade. Trocamos uma batalha de lábios ásperos repletos de paixão, enquanto nossas mãos esquadrihavam nossos corpos embebidos em vontades que precisavam ser plenamente satisfeitas.

Beijei cada poro, lambi cada pelo, senti cada variação de texturas daquela pele saborosa.

O momento de glória foi concretizado quando Cowboy me pediu, gentilmente, para que eu sentasse em seu colo, posicionando seu mastro bem no

centro do meu equilíbrio, proporcionando uma invasão facilitada no meu mundo estropiado.

Cavalguei como uma puta alucinada, deixando Vlad empalar com veemência o guerreiro abatido.

Foda-me, meu Amo. Sacrifique meu rabo, meu Senhor.

“Onde estará meu laço e minhas botas?”, pensei, enquanto lágrimas de puro arrebatamento inundavam meus olhos mareados.

Mantivemos aquela posição até o fim, quando Cowboy irrompeu seu jorro divino na vastidão do meu universo afogueado.

Como bônus pelo rabo bem comido, eu ganhei uma espalmada sonora e dolorida no meu rosto craquelado, enquanto resquícios de porra buscavam repouso nos vãos do meu cu quebradiço.

Feliz pelo batismo da Dor, eu adormeci sobre aquela entidade melada, embalado pelas carícias românticas em meus cabelos unguados pelos beijos reconfortantes em minhas faces coradas.

\* \* \*

Perdi a noção do tempo, ao acordar baqueado. Busquei as horas no relógio da cozinha. Passava das oito da noite...

... da quinta-feira!

Minha casa estava escura, fria, cinzenta. Como o tempo lá fora, já que nada muda no inverno aqui na ilha.

Aqueci meu corpo debaixo de três retalhos de lã e uma caneca de leite fervente misturado com canela em pó. Mantive acesa uma única fonte de luz proveniente de um antigo abajur, memorabilia da minha mãe.

Minha mente tentava discernir tudo o que havia ocorrido no passado não computado. Uma experiência estonteante havia deixado marcas profundas na minha vã existência.

E justamente eu, que acreditava ter vivido nos meus dezoito anos – completados há três dias – todas as fodas possíveis realizadas com outros anônimos!

\* \* \*

Fui surpreendido magnificamente por um cowboy misterioso que se materializou na minha frente, durante minha meditação invernal na praia de Gobsun.

Invenção ou delírio de uma mente perturbada? Não, não mesmo.

Sobre a mesa da cozinha repousa o laço de lenços vermelhos, amarelos e restos de panos de prato utilizados pelo meu *cowboy*. Ele “esqueceu” parte da sua realidade por aqui.

Sobre as botas, tenho certeza de que sentirei seu ranger quando cruzarem mais uma vez a porta dos fundos da minha modesta cabana no próximo inverno.

Laços e botas. Mestres e escravos. Água, terra, fogo: o ritual fora ministrado com brilhantura!

Devo ficar por aqui, em silêncio subordinado, curtindo a variedade de sinfonias vindas do ar turbulento lá de fora.

Ar que carrega meu espírito saciado, que aprendeu mais um dos mistérios que envolvem a união dos corpos de dois machos irrequietos.

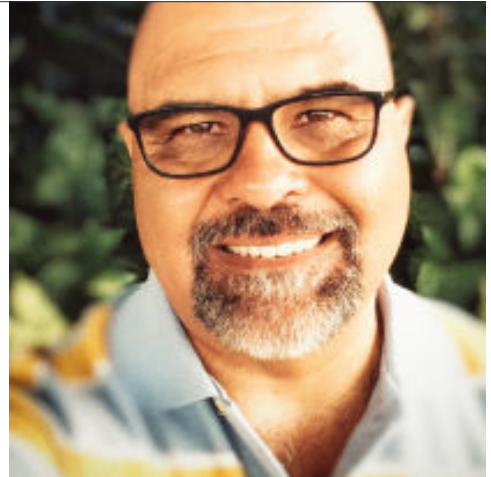
Aprendi a ser Sub.

Devo aguardar o reencontro com meu Mestre, o dono desses laços, o possuidor das botas rústicas a bailar entre os meus futuros sonhos.

\* \* \*

Meu nome é Zaac Hüster. Tenho 18 anos. Moro sozinho numa ilha tão bela que nem deveria permanecer no seu mapa. Sou um gay abençoado pelo Criador. E desperto pelo diabo interior diante das novas evidências de como encarar o Décimo Prazer.

Agora eu compreendia – muito bem! – as regras do nosso jogo.



## Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

\* \* \*

Para conhecer todas as obras: **[moasipriano.com](http://moasipriano.com)**

E-mail: **[escritor@moasipriano.com](mailto:escritor@moasipriano.com)**

Facebook: **[facebook.com/moasipriano](https://facebook.com/moasipriano)**

Instagram: **[instagram.com/moasipriano](https://instagram.com/moasipriano)**

---